

narrativas, entre o destapar da mais temível caixa de Pandora, que põe em liberdade os demônios da epilepsia e do histerismo, as personalidades múltiplas, as deslocções e transtornos sensitivos; os terrores apocalícticos do superliminar e toda a inabarcável patologia da psique, com o conseqüente aditamento de que, ao fechar, espantados, a caixa fatídica, permaneça, no interior. o último dos males, quicá: a *esperança* de achar uma explicação verdadeira para tamanho problema e um remédio para patologias tão absurdas quão demoníacas.

Porque, entre as narrações da Mestra e os contos macabros de tantos outros autores, medeia uma diferença essencialíssima: estes foram sonhados em seus delírios de inspiração ou de neurose de que acaso foram vítimas, enquanto aquela, embora pareça à primeira vista o contrário, glosou seus argumentos com pleno domínio de si própria e com um fim perfeito e conscientemente ocultista. Quer dizer que, enquanto os contos, por exemplo, de Poe, contos escritos sob o influxo do álcool, são contos que parecem ditados por alguém do astral, esse vedado mundo que Poe havia aberto com a gazua da bebida, os de Helena Petrovna não são senão pequenas fábulas chistosas, sob cujo véu encobriu, para que achassem, depois, os espíritos seletos, os ensinamentos mais fundamentais do Ocultismo com respeito à Lei do Karma, ou de causa e efeito; da reencarnação, que é postulado lógico da justiça divina; da dos *elementais*, ou criaturas invisíveis, que reinam soberanos no mundo emocional, como os micro-organismos pululam, por legiões, nos caldos de cultura; a lei, enfim, da latente divindade da alma humana, ainda no inferno de seus maiores extravios; a da imaginação criadora, que é a desgraçada chave da magia, a da vida humana, em suma, ao longo de sua peregrinação terrestre, que não é senão o panorama da eterna luta, entre os gloriosos destinos do homem, em busca do Ideal, forçando o passo, como os heróis de todas as lendas, com a retidão energética de seu coração nobilíssimo e a espada irresistível do conhecimento, por entre a canalha diabólica, elementar e invisível, que o combate sem trégua, para fazê-lo sossobrar em seu caminho, razão pela qual se diz, na Bíblia, que

é milícia a vida do homem sobre a Terra, e foi acrescentando, consoladoramente, por Maeterlink: “É bom recordar aos homens que o mais humilde dentre eles tem bastante poder, a modo e teor do modelo divino que traça em sua imaginação, para constituir-se numa elevada personalidade moral, integrada por partes iguais do Ideal que sustenta e de sua própria individualidade que, deste modo eleva a estágios inconcebíveis”.

Como se tivesse a Mestra tido presente, com efeito, esta frase de Magendie — “A inteligência humana, por uma estranha lei, parece precisar exercitar-se longo tempo no erro antes que ouse acercar-se da verdade” — teima em seguir, em todos os seus contos, as pegadas dos necromantes medievais — aqueles das missas negras; os mitos bruxos com crianças assassinadas, e as efusões sacrificiais de sangue de animais e de homens — para levar-nos, com a sedução insensível da fábula, que é a Verdade com a roupagem da Mentira, até as mais impo- nentes verdades do Ocultismo, em cuja altura, bem de pronto, recebem-se novas luzes para o Direito Penal, para a Ciência Médica, para a Sociologia, para as Religiões e para as doutrinas do magnetismo, mesmerismo, hipnotismo, cábala, etc., amoldado ao tão lógico aforismo de Herbert Spencer, que diz: “Quando se lança uma hipótese fecunda sobre um grande acúmulo de feitos desordenados, esse caso antigo começa, bem logo, a evoluir em uma ordem nova e admirável que nos eleva na senda do conhecimento e da virtude”.

Tal como das trevas cimerianas e patológicas, por exemplo, de Edgar Poe, surge nestas narrações blavatskianas uma nova luz no caos dos feitos ocultos que todos conhecemos desde o berço, onde nossas mães, nas noites horríveis de inverno, ao calor da lareira, ou encolhidas entre os cobertores da cama, faziam-nos tremer de emoção astral, quando nos contavam “Era uma vez um rei”... e que imortalizou o poeta hindu Rabindranath Tagore, traduzido em castelhano por Jimenez.

Em um maravilhoso artigo que teve a bondade de dedicar-nos outro Edgar Poe, não alcoólatra, que se chama Emílio Carrere, este grande escritor nos dizia, falando daquele tão inquietante homem: